



MEDIEVALISTA

N.º 38 | Julho – Dezembro 2025

ISSN 1646-740X

**Para o estudo da escrita historiográfica da Idade Moderna
– o caso da transmissão da *Crónica do Xarife Mulei
Mahamet e d’el-Rey D. Sebastião***

***Towards the Study of Early Modern Historiographical Writing: the
Transmission of the Crónica do Xarife Mulei Mahamet e d’el-Rey
D. Sebastião***

Elena Lombardo

Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa
Centro de Linguística
1600-214 Lisboa, Portugal

elenalombardo@edu.ulisboa.pt

<https://orcid.org/0000-0002-8674-7134>

Data recepção do artigo / Received for publication: 15 de maio de 2025

DOI: <https://doi.org/10.34619/ylkt-4joq>



A *Crónica do Xarife Mulei Mahamet e del-Rey D. Sebastião*¹ é um texto historiográfico sebástico que se foca na segunda Jornada de África de D. Sebastião e na batalha de Alcácer-Quibir (1578). Embora transmitido anonimamente, algumas remissões nele existentes indicam ter sido concebido já a partir do final de 1578 por um participante dos eventos narrados². Trata-se, assim, de um dos primeiros relatos sobre a batalha de Alcácer-Quibir, que se distingue de outros também pela exposição detalhada da marcha do exército português em território “mouro”, com informações sobre os alojamentos que, tanto quanto se sabe, não constam alhures, e pela descrição pormenorizada da batalha. Caracteriza-se, ainda, pela particular atenção dedicada às relações de D. Sebastião com os fidalgos portugueses e com o Xarife Mulei Mahamet³ e pelo destaque dado à figura de Mulei Maluco⁴. Tais aspetos conferem à CXMM uma importância significativa para os estudos historiográficos, o que faz com que seja frequentemente citada nos trabalhos sobre D. Sebastião⁵.

A *Crónica* foi divulgada em meio académico pela primeira vez apenas em 1987, por Francisco de Sales Mascarenhas Loureiro⁶, que deu notícia do MSS. 2422 da Biblioteca Nacional de Espanha⁷ (século XVII) e o editou, optando por modernizar a grafia. Em 2015⁸, apresentei uma edição semidiplomática e um breve estudo do Cod. 13282 da Biblioteca Nacional de Portugal⁹ (século XVII), que, apesar de corretamente associado ao texto da CXMM no catálogo desta biblioteca, era inédito.

¹ Este título foi atribuído ao MSS. 2422 da Biblioteca Nacional de Espanha por Sales Loureiro na sua edição de 1987: *Crónica do Xarife Mulei Mahamet e del-Rey D. Sebastião 1573-1578*. Ed. Francisco Loureiro Sales. Lisboa: Europress, 1987. Para referir-me ao texto, doravante, usarei a sigla CXMM ou o título abreviado *Crónica*.

² LOMBARDO, Elena – *Do “grande incêndio que com tam raro movimento a Berberia perturbou”: estudo e edição diplomática de um relato histórico quincentista*. São Paulo: Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, 2015, p. 105. Dissertação de Mestrado em Filologia e Língua Portuguesa.

³ Abu Abd Allah Mohammed al-Mutawwakil (m. 1578) foi sultão entre 1574 e 1576.

⁴ Abu Marwan Abd al-Malik (m. 1578) foi sultão entre 1576 e 1578.

⁵ Por exemplo: CRUZ, Maria Augusta Lima – *D. Sebastião*. Lisboa: Círculo de Leitores, 2006; SOUSA, Luís Costa e – “O caminho de Alcácer Quibir: Plano, marcha e batalha, ou a dinâmica da forma militar”. *e-Stratégica* 2 (2018), pp. 49-61.

⁶ *Crónica do Xarife Mulei Mahamet e del-Rey D. Sebastião 1573-1578*.

⁷ Doravante, BNE.

⁸ LOMBARDO, Elena – *Do “grande incêndio que com tam raro”*.

⁹ Doravante, BNP.

Entre 2017 e 2024, no âmbito de buscas sistemáticas em arquivos e bibliotecas, foram localizados mais sete testemunhos: em 2017, foi identificado, por Filipe Alves Moreira¹⁰, o Cod. CIII/1-14 da Biblioteca Pública de Évora¹¹ (século XVIII); em 2020, localizei os testemunhos contidos no Ms. avulso 54-X-10 num. 156 (século XVIII) e no Cod. 49-XII-1 da Biblioteca da Ajuda¹² (século XVII); em 2021, os testemunhos contidos nos Cods. 49-XI-75 (século XVII) e 49-XI-77 (século XVIII) da mesma biblioteca; em 2023, o Cod. A.T./L. 57 da BNP (século XVIII); e, finalmente, em 2024, o Ms. Casa Palmela, Liv. 210 da Torre do Tombo¹³ (século XVII?)¹⁴.

Pelo que se sabe atualmente, portanto, a CXMM é transmitida por nove testemunhos. Estes apresentam profundas variantes entre si, que permitem distingui-los como três distintas versões do texto: o *Sumario*, a *Historia* e as *Memórias*.

Dois testemunhos – o MSS. 2422 da BNE (testemunho M) e o COD. 13282 (L₁) – têm por título *Sumário de todas as cousas sucedidas, em Berberia, desde que começou a reinar o Xarife Mulei Mahamet no ano de 1573 até o fim do ano da sua morte 1578, no dia da Batalha de Alcácer-Quibir em que se perdeu D. Sebastião rei de Portugal*¹⁵. Em M e L₁, a matéria da narração é subdividida em vinte e três capítulos: nos primeiros nove são resumidos os acontecimentos políticos da dinastia Saadiana entre 1557 e 1578¹⁶; a partir do capítulo 10, o narrador concentra-se na jornada de África do ponto de vista do exército português, relatando episódios acontecidos entre maio e agosto de 1578¹⁷.

O códice CIII/1-14 da BPE (testemunho E), intitulado *Historia da Jornada Del Rey Dom Sebastião a Africa causa, e successos lastimosos della*, distancia-se amplamente

¹⁰ MOREIRA, Filipe Alves – Comunicação pessoal, 6 de fevereiro de 2017.

¹¹ Doravante, BPE.

¹² Doravante, BA.

¹³ Doravante, TT.

¹⁴ Este testemunho foi identificado após a submissão da tese que analisa o restante da tradição textual da CXMM e ainda carece de um estudo sistemático, tanto do ponto de vista codicológico, como do ponto de vista textual. Por esta razão, não será abordado no presente trabalho.

¹⁵ Nesta citação, a grafia foi regularizada, uma vez que não remete para um testemunho específico do texto.

¹⁶ Os sultões da dinastia Saadiana (1554-1659) foram os primeiros a estender a sua governação sobre a maioria dos territórios do atual Marrocos. Eram desta dinastia os dois soberanos (o Xarife Mulei Mahamet e o Xarife Mulei Maluco, segundo a denominação da época) que participaram na batalha de Alcácer-Quibir.

¹⁷ Esta versão da narração será doravante designada apenas como *Sumario*.

do conteúdo de M e L₁¹⁸. O fraseado é mais difuso, incluindo algumas informações que não são transmitidas pelos outros testemunhos, e a matéria é organizada de maneira diferente, abrangendo vinte e seis capítulos. A ampliação do número de capítulos resulta não apenas da segmentação do conteúdo em capítulos mais curtos, mas também da não observância da linearidade cronológica da narrativa. Com efeito, os capítulos 1 a 8 relatam os acontecimentos políticos da dinastia Saadiana entre 1557 e 1575; o capítulo 9 recua novamente até 1557, contando estes mesmos acontecimentos de uma forma mais resumida, e avança até ao ano de 1578, concluindo a exposição das vicissitudes do Xarife Mulei Mahamet no capítulo 10. Os capítulos seguintes reproduzem a mesma estrutura adotada pelos testemunhos M e L₁, com o capítulo 11 e 12 a referirem as providências tomadas pelo Xarife Mulei Maluco ao saber da intenção de D. Sebastião de passar a África e, do capítulo 13 ao 26, a jornada de África do ponto de vista do exército português.

Os testemunhos identificados mais recentemente (os indicados pelas siglas A₁, A₂, A₃, A₄, L₂ e T) transmitem a terceira versão do texto – as *Memórias*. Estes códices contêm cópias de anotações tomadas com base em documentos diversos (cartas régias, alvarás, memórias, relações, etc.), aparentemente reunidos com vista à redação de uma crónica sobre D. Sebastião. Os títulos de dois dos códices atribuem a coleção ao cronista Frei Bernardo de Brito (1569-1617). No meio destes apontamentos, encontram-se materiais que coincidem com o conteúdo da *Crónica*, embora com uma redação diferente.

As secções seguintes reúnem algumas considerações acerca da tradição manuscrita da CXMM resultantes do trabalho desenvolvido na minha tese de doutoramento em Crítica Textual – A *“Crónica do Xarife Mulei Mahamet e d’el-Rey D. Sebastião”*: edição e estudo¹⁹. No âmbito dessa investigação, tendo em conta as características do texto e o seu campo bibliográfico²⁰, estabeleci e disponibilizei ao público edições

¹⁸ Doravante, a versão transmitida por E será designada apenas como *Historia*.

¹⁹ A tese, orientada pelas Prof.^{as} Dr.^{as} Esperança Cardeira e Cristina Sobral, foi realizada na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa e defendida em janeiro de 2025. A investigação contou com o apoio da Fundação para a Ciência e a Tecnologia, através da bolsa de doutoramento com a referência SFRH/BD/145444/2019 (<https://doi.org/10.54499/SFRH/BD/145444/2019>).

²⁰ Sobre este conceito, cf. CASTRO, Ivo; RAMOS, Maria Ana – “Estratégia e tática da transcrição”. In *Critique textuelle portugaise (Paris, 1981). Actes du colloque*. Paris: Fondation Calouste Gulbenkian, 1986, pp. 99-122.

semidiplomáticas digitais dos testemunhos da CXMM conhecidos até 2024²¹, acompanhadas por uma análise do seu processo de transmissão manuscrita²². Segui as etapas fundamentais do trabalho crítico: estudo da tradição (*recensio*), articulada em descrição codicológica e colação, e elaboração das edições (*constitutio textus*). No presente artigo, resumo apenas os principais resultados da *recensio*, remetendo, para o *site* das edições e para a tese, a exposição detalhada da fundamentação e dos demais resultados. Tomando como ponto de partida a variação – textual e linguística – observada na CXMM, pretendo, com efeito, propor alguns caminhos para o estudo da escrita historiográfica na Idade Moderna.

1. Os códices e as cópias da *Crónica*

As análises codicológicas permitiram: 1) estabelecer as datações dos manuscritos ou refinar as hipóteses formuladas nas fases preliminares da observação; 2) contribuir com algumas notas para o estudo da História do Livro na Península Ibérica durante a Idade Moderna; 3) esboçar um primeiro olhar sobre as leituras da *Crónica* ao longo do tempo.

O esquema seguinte resume as propostas de datação:

A ₂	1600-1650	Memórias
L ₁	1650 c.	Sumário
M	1650 c.	Sumário
A ₃	1675-1700	Memórias
A ₄	1720 c.	Memórias
A ₁	1730 c.	Memórias
E	1720-1737	História
L ₂	1700-1750	Memórias

Esquema 1 Proposta de datação dos testemunhos da CXMM

²¹ Disponíveis em: <http://teitok.clul.ul.pt/psm/index.php?action=home>. Último acesso em: 2 de abril de 2025.

²² LOMBARDO, Elena – *A “Crónica do Xarife Mulei Mahamet e d’el-Rey D. Sebastião”: edição e estudo.*

Os testemunhos M e L₁ foram produzidos em torno de 1650 pelo mesmo copista – um colaborador de D. Jerónimo de Mascarenhas (1618? - 1671?)²³. Demonstraram-no dois dos elementos analisados: a letra (apesar de o manuscrito madrileno ter sido produzido com menos cuidado e, provavelmente, mais pressa do que o lisboeta, o *ductus* é igual) e o papel (seis das marcas de água encontradas no manuscrito madrileno também ocorrem no códice lisboeta, o que indica que o papel é o mesmo). O manuscrito M encontra-se atualmente num códice factício (MSS. 2422 da BNE) onde foram reunidas diversas fontes sobre D. Sebastião pelo próprio Jerónimo de Mascarenhas. O testemunho L₁ está inserido num códice (COD. 13282 da BNP) que contém um testemunho da *Crónica de D. Sebastião* de autoria de Bernardo da Cruz (?)²⁴, igualmente copiado pelo mesmo colaborador de D. Jerónimo de Mascarenhas.

O testemunho E (*Historia*) foi produzido entre 1720 e 1737 por alguém ao serviço do Padre José Pereira Baião (1690-1743)²⁵ e foi encadernado, juntamente com outro elemento codicológico copiado pela mesma mão, num códice factício (cód. CIII/1-14 da BPE). A cópia apresenta numerosas intervenções pela mão do próprio Baião.

Não foi possível obter informações precisas sobre a produção dos testemunhos que conservam a versão do texto da *Crónica* organizada em *memórias*. Destes, dois foram produzidos ainda no século XVII – A₂ e A₃.

A₂ é o testemunho sobre o qual temos os dados mais incertos: a letra é do século XVII, e o papel utilizado para a cópia apresenta marcas de água datáveis, genericamente, da primeira metade deste século. Assim sendo, poderá ser o mais antigo dos testemunhos hoje conhecidos. Foi copiado juntamente com outros materiais que, por sua vez, foram incorporados num códice factício por alguém interessado na história do reinado de D. Sebastião, em meados de Setecentos. No

²³ Nobre eclesiástico português que, tendo tomado o partido de Filipe IV por ocasião da Restauração de 1640, se exilou na corte espanhola, onde alcançou distintos cargos e honras. Foi autor prolífico e incansável estudioso de História, como testemunha a importante biblioteca que reuniu ao longo da sua vida.

²⁴ Sobre este texto, cf. LOMBARDO, Elena; MOREIRA, Filipe Alves – “Para o estudo da crónica de D. Sebastião atribuída a Bernardo da Cruz: textos, autores e testemunhos”. *Diacrítica* 38:1 (2024), pp. 29-44. DOI: doi.org/10.21814/diacrítica.5603.

²⁵ José Pereira Baião, presbítero do Hábito de S. Pedro e autor de historiografia e hagiografia. A sua obra mais famosa, *Portugal cuidadoso, e lastimado com a vida, e perda do Senhor Rey D. Sebastião, o Desejado de saudosa memoria*, foi publicada em 1737.

que diz respeito ao conteúdo, diferencia-se das outras cópias das *Memórias* pela hierarquização do texto em secções encabeçadas por epígrafes e pela ausência de alguns episódios.

A₃ remontará ao último quartel do século XVII, como sugere a datação (ainda que imprecisa) das marcas de água. O códice no qual se encontra foi produzido por uma só mão. O texto da *Crónica*, neste testemunho, não é diferenciado dos demais episódios por qualquer elemento: a mancha de texto apresenta-se compacta, sem hierarquizações, organizada exclusivamente em parágrafos frequentemente identificados por manchetes. O título na portada²⁶ atribui os conteúdos a Fr. Bernardo de Brito.

Os testemunhos A₄, A₁ e L₂ são da primeira metade do século XVIII. O códice em que se encontra o testemunho A₄ foi copiado integralmente por uma só mão e está estruturado, pelo menos a um primeiro olhar, de forma muito próxima da de A₃: contém o mesmo título e, conseqüentemente, a atribuição dos conteúdos a Fr. Bernardo de Brito, o mesmo *incipit* e a mesma sequência de episódios e está organizado em parágrafos identificados por manchetes. O mesmo pode dizer-se do códice onde se encontra a cópia L₂, mas este, contrariamente aos demais, não contém título, nem manchetes.

Finalmente, o manuscrito onde se conserva o testemunho A₁ contém uma cópia parcial dos conteúdos transmitidos pelos Cod. 49-XI-75, 49-XI-77 e A.T./L. 57, mas a secção da CXMM não apresenta variantes estruturais perceptíveis a uma leitura mais superficial. Relativamente à forma de organização do texto, também apresenta divisão em parágrafos indicados por manchetes, sem secções nem títulos.

Para além de contribuir para datações mais precisas dos testemunhos, os resultados das análises codicológicas levantaram questões sobre a evolução das características e as funcionalidades do manuscrito nos séculos XVII e XVIII. De facto, constatei que o papel usado para as cópias da CXMM provinha principalmente de papeleiras

²⁶ *COPIA DAS / cousas principa[is]s que soçederaõ em portugal em / tempo de el Rey dom Sebão. // TIRADAS PELO DOVTOR FREI / Bernardo de Brito dos mais / Verdadeiros originais & çertas / Relaçois q̃ se puderaõ auer em / cada materia que se trata.*

italianas da região de Génova e que o formato mais utilizado era o *in-folio*. A ausência de decorações em quase todos os manuscritos e as características das encadernações originais indicam que os códices eram destinados a uso pessoal, muito provavelmente de trabalho. Todavia, no caso do MS. 2422 da BNE (M) e do Cod. 49-XI-75 da BA (A₃), as encadernações mais elaboradas sugerem uma funcionalidade distinta. Para o primeiro, há evidências externas sólidas de que a encadernação reflete o desejo do seu último proprietário particular (o IV Duque de Uceda) de usá-lo como códice de leitura e de consulta, no âmbito da sua coleção pessoal. Quanto ao 49-XI-75, mesmo não dispondo de informações sobre os seus possuidores, a decoração na página de rosto, considerada juntamente com a qualidade da encadernação, parece sugerir que a função deste códice não se restringia ao uso prático, de trabalho, mas que se pretendia valorizá-lo como objeto de fruição pessoal.

Por fim, a análise material permitiu ter um primeiro vislumbre da forma como a CXMM foi lida ao longo do tempo. O facto de ter sido copiada por (e para) intelectuais ocupados na redação de textos historiográficos sobre D. Sebastião – foi copiada, em Seiscentos, para D. Jerónimo Mascarenhas e, em Setecentos, para o Padre Baião, e foi incluída, aparentemente, por Fr. Bernardo de Brito nos apontamentos destinados a servir para a redação de uma crónica oficial – é indicativo da importância que lhe foi atribuída ao longo dos séculos XVII-XVIII para a formação de um discurso sobre D. Sebastião e, por conseguinte, do seu estatuto de fiabilidade enquanto fonte nestes mesmos séculos.

2. A transmissão do texto

A colação dos testemunhos completou estes primeiros esboços e proporcionou uma compreensão mais aprofundada dos processos de transmissão do texto. A análise versou sobre três aspetos: 1) mecanismos de variação textual típicos do processo de cópia, que implicou a análise das variantes de cópia, a classificação dos erros²⁷, a

²⁷ Variantes substantivas sem valor para a análise linguística produzidas inconscientemente.

formulação de hipóteses para a sua génese e uma proposta de estema da tradição; 2) variação textual de refundição; 3) variação linguística diacrónica e diatópica.

O estudo do testemunho eborense e a sua colação com M e L₁ permitiram concluir que a *Historia* constitui a versão a partir da qual foi escrito o *Sumario*. A *Historia*, com efeito, foi elaborada a partir de duas fontes de autores diferentes. A primeira tinha por objeto a história das dinastias Saadianas, concentrando-se profusamente nas lutas entre o Xarife Mulei Mahamet e o seu tio Mulei Maluco, e não tratava de assuntos sebásticos. O narrador desta, que se infere português e cristão, afirma ter acompanhado pessoalmente o Xarife Mulei Mahamet entre 1576 e a sua morte, em 1578²⁸. A segunda, escrita por um homem ligado a D. António, prior do Crato, tendo sido – ou sendo – seu criado²⁹, retratava pormenorizadamente a segunda Jornada de África e a batalha de Alcácer-Quibir. Demonstrei também que não é possível identificar este indivíduo como António Pinto Pereira, tal como sugerira o P.^e José Pereira Baião³⁰. Ambas as fontes, de qualquer forma, foram escritas após a batalha, sendo possível extrair informações mais precisas acerca da segunda, cuja conceção remonta certamente aos primeiros meses a seguir à derrota portuguesa³¹.

O texto da *Historia* apresentava já sinais de uma vontade harmonizadora, que se revela sobretudo no trecho que funciona como prólogo³² e em diversas adições, originariamente marginais, posteriormente integradas no corpo do texto³³. Dito

²⁸ Afirma o narrador: “he certo, que no que disse dellas fiquei hum pouco atraz do que ouvi, escrevendo sômente o que vi porque sou chegado a tempo, donde deste tempo me achei presente a tudo o que ao diante disser, não deyxando nunca o Xarife tê a sua morte” (E, fol. 16v).

²⁹ Afirma o narrador: “procederey afeyçoadamente pela obrigação de criado que vivia entã em serviço do *Senhor Dom Antonio*” (E, fol. 34r).

³⁰ BAIÃO, José Pereira – *Portugal cuidadoso, e lastimado com a vida, e perda do senhor rey Dom Sebastião, o Desejado de saudosa memoria. ...* Lisboa Occidental: Na officina de Antonio de Sousa da Sylva, 1737, s.n.p.

³¹ Veja-se: “procuramos averiguar o certo da perdição [del Rey] *Dom Sebastiam* cõ taõ miuda especulação, que de quatro fidalgos, que somente se acharã nos ultimos transes della, tivemos juntos por vezes os trez, que ficarão vivos, em huã caza na Judiaria de Fez, sem faltar mais que christovaõ de Tavora, de que não houve novas, onde particularmente examinamos as informaçoes sendo ainda vivo vasco da Sylveyra, que foy hũ delles, e os outros dous forão *Dom Nuno Mascarenhas*, e *Dom Jeronimo Lobo*, que estão vivos, e estão no Reyno” (E, fol. 98v).

³² Veja-se: “Ainda que meu intento não era escrever Del Rey Muley Mahamet nenhũ successo, senã sô daquelles, em que me achei presente, para que desses, como testemunha de vista, pudesse com mais verdade dar à luz as que passava: todavia me pareceo que para o procedimento desta *Historia* dever de ser melhor entendida era couza necessaria começar este discurso hum pouco mais detraz, tratando nelle da origem daquella Guerra” (E, fol. 1r).

³³ Veja-se o começo da narração. Os trechos que defendo constituírem acrescentos ao texto originário da primeira fonte encontram-se evidenciados a negrito; os parêntesis retos [] indicam acrescentos

isto, não sabemos se a reunião dos materiais nesta versão poderá ser atribuída ao autor da segunda fonte ou se terá sido responsabilidade de um terceiro indivíduo. Desta maneira, a *Historia* representa o rascunho de uma crónica sobre a Jornada de África, constituída pela refundição, ainda muito incompleta, de duas fontes preexistentes.

No *Sumario*, esta refundição encontra-se em estado mais avançado. O responsável pela formulação desta versão manteve os elementos da *Historia* que indicavam os objetivos gerais do novo texto – especialmente o prólogo – e eliminou a discrepância de objetivos de narração patente nos primeiros capítulos, que refletiam a utilização de fontes diferentes³⁴. Para reformular estes primeiros capítulos, o autor da versão *Sumario* tomou como base a primeira fonte, provavelmente devido à sua precedência na ordem progressiva da narração e ao seu nível de aprofundamento, e, para completar o texto, foi acrescentando trechos da segunda fonte, sempre que esta apresentasse informações ausentes na primeira. A partir do ponto em que a narração da primeira fonte se interrompe, o autor do *Sumario* começa a seguir, por óbvias razões, exclusivamente a segunda. Assim, no que toca à redação dos primeiros capítulos, poder-se-ia dizer que o autor desta versão efetuou uma

por José Pereira Baião: “Reynando nos Reynos das partes de Africa o Xarife Muley Hamet Xequé, que foy o *primeyro* que aquella *Provincia* dominou (**porque de antes era dividida entre muytos senhores**) falleceo (gozando se os Mouros de hũa felicissima paz **no anno de 1556 (eu tomo principio segundo o vso Romano)** deyxando jurado por Principe, a seu *filho natural* Muley Abdala, irmão de Muley Abdelmumen, [e]327 Muley Maluco, [e] **falleceo de morte violenta.**

Muley Hamet, **de cujos fins aqui não tratarey por não convir a nosso proposito fallar mais, que destes quatro Principes, authores de tantas guerras, e de todas as dependencias dellas**, afora outros irmãos, que taõbem teve em cujas diversas vidas, e fins não falarey, e como nelles seja couza muy natural a desconfiança, e com razaõ nesta parte pela inconstancia de seus vassallos que cada dia queriaõ hum Rey, costumaõ os novos successores, de huãs vezes com cauza, outras fingindo a, privar da vida aos mais de seus irmãos, e assi a todos aquelles Alcaydes, que acertão do Povo ter ganhado as vontades. Pertendendo nisto viverem, e governarem sem nenhũ temor, e sem elle mesmo executarem as mãz inclinaçoens, e tirannias, de que estes Principes pella mayor parte quasi sempre saõ dotados” (E, fols. 1r-v).

³⁴ Discrepância evidente em trechos como: “Tanto foy sempre o dezejo, que Portugal teve de entregar seus naturaes aos Mouros, e traze llos a povoar com suas ossadas os campos de Alcacere, como depois se vio na perdição, e rota do mesmo Rey *Dom Sebastiaõ*, quando por Cauza do proprio *Xarife*, ou não sey de seu insaciavel appetite de Gloria passou a Africa tanto contra razaõ, e parecer dos homens, que das cousas de Berberia podiaõ ter experiencia. **Mas deyxada esta materia para seu lugar proprio, e para os que della mais de proposito houverem de tratar:** digo que o *Xarife* Muley Mahamet se foy ao campo de Salè” (E, fol. 6r. Negrito meu).

compilação ainda ao sabor dos métodos historiográficos medievais³⁵, completando, segundo objetivos próprios, aquilo que no texto-base era apenas esboçado no prólogo e na sequência de capítulos. No entanto, a compilação não implicou a harmonização das diferentes fontes utilizadas: os critérios orientadores parecem ter sido a *quantidade* – adicionar ao texto final quantos mais elementos do texto-base fosse possível – e o correto *encadeamento* da progressão narrativa – inserir as informações das duas fontes do texto-base num ponto adequado do fluxo narrativo do texto final – em detrimento, muitas vezes, da coerência factual³⁶.

No restante texto, o autor da versão *Sumario* limitou-se a abreviar o texto-base, reformulando os conteúdos em frases mais concisas³⁷. Considerando o resultado global, parece que o objetivo narrativo de quem formulou a versão *Sumario* tal como a conhecemos seria apenas o de eliminar os vestígios mais evidentes das duas fontes originárias, tornando o texto mais linear e ágil. O resultado carece ainda de harmonia e coerência, revelando que a versão que chegou até nós não tinha sido concebida para ser divulgada e constituía, provavelmente, apenas um documento de trabalho. No fundo, trata-se, novamente, de um rascunho do texto ideal a que chamamos *Crónica do Xarife Mulei Mahamet*.

Através da análise das *Memórias* foi possível também vislumbrar um pouco da posteridade da CXMM. A terceira versão, de facto, encontra-se copiada entre apontamentos sobre o reinado de D. Sebastião reunidos por alguém com acesso aos

³⁵ Pela sua clareza e carácter didático, remeto para a síntese sobre o método compilatório elaborada por MOREIRA, Filipe Alves – *A “Crónica de Portugal de 1419”: fontes, estratégias e posteridade*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, Fundação para a Ciência e a Tecnologia, 2013.

³⁶ Veja-se, a título de exemplo, o seguinte excerto: “o qual avendo em poucos dias juntado nove mil soldados Turcos os mais Xerquis, os outros Eazuagos, e **dous mil de Cavallo**, passou se ao campo d’Argel com seu Irmão Mulei Hamet, [...], veyo marchando com noue mil de Cavallo digo soldados em que **naõ auia mil de Cauallo** e quatro mil Turcos atiradores praticos, e mui exercitados, e os mais mouros azuaos, e Xartaquins” (L₁, fols. 155r-v).

³⁷ Veja-se a seguinte variante: “foi fama, que se offrecia a lhe largar Larache que he **hũ porto principal** nas fronteiras d’Espanha, **por ser** capas de muita armada de guales, e navios grandes e cõmodidade para se poderem fazer, assi do lugar como de madeira que ha muita copia em hũ soveral ao redor do lugar. E mais lhe mandaria fazer a sua custa tres fortalezas (L₁, fol. 166r)”; “foy fama, que se offrecia a lhe largar larache, que **he o principal porto, que os Mouros provem** nas Fronteyras de Hespanha; porque **alem de ser** capaz de muyta armada de Galès, e navios grandes **tem** muyta comodidade para se poderẽ **ahy** fazer **quantos quiserem** assi do lugar como da madeyra, **de** que hã muyta copia em hũ **grande** Soveral, **que jaz** ao redor delle, e que **alem deste Porto, que logo com effeyto lhe largaria** lhe mandaria tãobem fazer **em breve tempo** à sua **propria** custa trez fortalezas (E, fol. 18v)”.

arquivos reais e com bons contactos na nobreza do reino – possivelmente, um cronista-mor. Ao longo do tempo, esta figura foi diversas vezes identificada como Fr. Bernardo de Brito, mas não há, atualmente, elementos para confirmar ou refutar esta hipótese³⁸. Facto é que a versão *Memórias* constitui mais uma refundição do conteúdo da CXMM que visa adaptar o texto a novos objetivos discursivos – ao que tudo indica, os de uma crónica oficial sobre D. Sebastião. São atenuadas as opiniões mais ásperas acerca do rei, acrescentadas informações com base em outras fontes, ampliados e dramatizados alguns episódios, e atualizadas as remissões diegéticas. O estilo é mais escorreito comparativamente às versões anteriores. O testemunho A₂ destaca-se nitidamente neste grupo, tanto pela ausência de episódios presentes nos outros testemunhos, como pela sua reorganização. Para além disso, a utilização de frases mais curtas, com um encadeamento sintático mais direto, denota uma escolha estilística orientada para uma maior fluidez³⁹. Embora com base nos elementos atualmente disponíveis não seja possível concluí-lo com segurança, a sua formulação mais elegante, comparativamente à dos outros testemunhos das *Memórias*, parece sugerir que a versão de A₂ é uma segunda redação das *Memórias*, tendo sido elaborada posteriormente à versão transmitida por aqueles, numa tentativa deliberada de clarificar o texto.

³⁸ Com efeito, não é possível determinar se a menção a Fr. Bernardo de Brito feita por Barbosa Machado (BARBOSA MACHADO, Diogo – *Bibliotheca Lusitana...* Tomo I. Lisboa Occidental: Officina de Antonio Isidoro da Fonseca, 1741, p. 527), Manoel Severim de Faria (SEVERIM DE FARIA, Manoel – “Elogio do Doutor Frey Bernardo de Brito”. In *Noticias de Portugal*. Lisboa: Na Officina Craesbeeckiana, 1655, p. 288), Manoel de Faria e Sousa (FARIA E SOUSA, Manuel de – *Asia Portuguesa*. Tomo I. Lisboa: Officina de Henrique Valente de Oliueira, 1666, *Advertencias*, n. 35, s.n.p.) e Jorge Cardoso (CARDOSO, Jorge – *Agiologio lusitano*. Tomo III. Lisboa: Officina de Antonio Craesbeeck de Mello, 1666, p. 442) resultava de referências já presentes nos materiais manuscritos que estes autores consultaram, ou se, ao contrário, a menção atualmente encontrada nos manuscritos é consequência da hipótese por eles formulada. Confirmando-se não ter sido Fr. Bernardo de Brito o responsável pela reunião destes materiais, restariam como possibilidades João Baptista Lavanha (1550-1624) ou D. Manuel de Meneses (1565-1628), ambos igualmente encarregados da redação de uma crónica sobre D. Sebastião.

³⁹ Veja-se, por exemplo, a seguinte variante: “**Neste tempo adoeceo o de Barcellos**, por inda [sic] vinha seu jrmaõ Dom Duarte. E como vindo no Caminho, **melhorasse o de Barcellos**, se veo a Lixboa embarcar em huã não, huã vrca, E outros 16 navios (A₂, fol. 93v)”;

“**Ao tempo que chegou o Recado do Duque Estaua o de Barcellos indisposto**, por onde vinha seu yrmaõ Dom Duarte, e como uindo no Caminho **tiiesses o de Barcellos melhoria**, se uejo A lisboa embarcar em huã não e huã Vrca, e outros dezaseis Nauios (A₃, fol. 38v)”.

A análise evidenciou também elementos para sustentar que o redator das *Memórias* tenha utilizado um testemunho cujo conteúdo se aproximava da versão *Historia*⁴⁰. Todavia, não se pode ignorar que as *Memórias* apresentam semelhanças com ambas as versões anteriores⁴¹, sugerindo que pode ter sido consultado mais do que um testemunho, ou que o texto-base constituía uma versão intermédia entre a *Historia* e o *Sumario*.

Baseando-nos em todos estes dados, é interessante notar como nenhuma das versões chegadas até nós constitui uma versão definitiva do texto – nem a *Historia*, em que o processo de refundição é incipiente e pode ser observado *in fieri*; nem o *Sumario*, que, embora aparentemente mais coerente, conserva os sinais da necessidade de ulteriores reformulações da matéria; nem as *Memórias*, em que o texto volta ao estado de rascunho, desta vez com vista à sua reutilização numa crónica oficial do reino. Coloca-se a possibilidade, assim, de que uma versão final do texto a que chamamos *Crónica do Xarife Mulei Mahamet e d'el-Rey D. Sebastião* nem tenha chegado a existir.

Do ponto de vista estemático, e relativamente aos testemunhos que transmitem a versão *Sumario*, a colação indicou que o testemunho madrileno constitui uma cópia bastante descuidada⁴². Para além disso, a existência de diversos erros privativos e

⁴⁰ Veja-se, por exemplo, a seguinte variante: “tendo mandado aos de Cavallo, que o nam seguissem a elle senam o estendarte, o qual caminhava, ou parava segundo a ordem **del Rey, que a dava por si ao Alferez mor, ou lha mandava por recados quando se achava desviado** (L₁, fl. 205v)”;

“tendo mandado aos de Cavallo que acompanhassem a sua bandeyra, e não a elle, e a bandeyra caminhava, ou parava segundo a ordem, **que El Rey dava, ou mandava ao Alferez mor, e havia tal ordem, que o terço que hũ dia marchava de vanguarda, ao outro dia em batalha, e ao outro em retaguarda succedendo huns em lugar dos Outros por não haver melhora, ou precedencia de huns a outros, e isto se observou até o dia da batalha, em que so deu avanguarda aos aventureyros** (E, fol. 55v)”;

“Tendo mandado aos de cauallo que acompanhassem a sua Bamdeira, e não a elle, e Bamdeira caminhava, ou parava segundo a ordem **que El Rey daua, ou mandava ao Alferes mor, e auia tal ordem, que hum terço que hum dia marchava de vanguarda, ao outro dia em Batalha, e a outro em Retaguarda suçedendo hums em lugar dos outros, por não hauer melhora, precedência de hums a outros, e isto foj assy athe o dia da Batalha, em que só deu a vanguarda aos aventureiros** (A₃, fol. 61r)”

⁴¹ Muitas das variantes analisadas são soluções que estariam provavelmente disponíveis a um copista-refundidor durante a redação e podem ter sido realizadas independentemente na *Historia* e nas *Memórias*.

⁴² Como já se viu acima, certos aspetos paleográficos são, em si mesmos, indicativos de falta de atenção ou de alguma pressa na cópia do texto; além disso, a colação revelou numerosos erros privativos do testemunho M, confirmando a ideia de uma cópia realizada com pouco cuidado.

separativos de L₁ em M⁴³, de alguns erros privativos e separativos de M em L₁⁴⁴ e de alguns erros conjuntivos partilhados por ambos⁴⁵ permite concluir que não foram copiados um do outro, mas sim que descendem de um antígrafo comum atualmente desconhecido (σ). Por sua vez, o testemunho eborense apresenta variantes que demonstram ter sido objeto de contaminação textual ao longo da sua transmissão⁴⁶.

No que toca às *Memórias*, é relativamente seguro afirmar que os testemunhos desta versão podem ser divididos em três ramos principais, constituídos, respetivamente,

⁴³ Veja-se, por exemplo, a lição abaixo. Neste e nos exemplos seguintes destaca-se a negrito apenas a variante pertinente:

“Mas estas pazes não ficaraõ uniuersais nem mais segurança que ate a jurdição **daquelle xeque aos outros xeques** das serras, cada hum dos quais o podiam mui facilmente roubar e dispor delle segundo seu abitrio como quisessem (M, fol. 243r)”;

“Mas estas pazes não ficavão universais, nem mais segurança que ate a jurdição **dequelle Xeque, que hera como capitão de certas companhias, foi necessario, hir este com o Xarife aos outros Xeques**, das serras, cada hum dos quais, o podiam mui facilmente roubar, e dispor delle segundo seu abitrio como quisessem (L₁, fol. 159v)”;

“Mas porque estas mizades naõ eraõ vniversaes nẽ se alargavaõ a mais, que até o fim da jurdição **de aquelle xeque, que he como capitão de certas companhias foy necessario que o Moradito fosse com o Xarife para interceder por elle aos outros xeques** cada hũ dos quaes o podia muy facilmente roubar, e despõr delle segundo seu arbitrio como quizessem (E, fol. 9r)”.

⁴⁴ Veja-se, por exemplo, a seguinte variante: “para os **suspender** emquanto ignorauão a gente que elle podia ter (M, fol. 242r)”;

“para os **surprender** emquanto ignoravão a gente que elle podia ter (L₁, fol. 158v)”;

“e o intento que o *Xarife* teve *para* sahir, de Marrocos com aquelles 100 de Cavallo sem mais ninguem foy este, divulgar, que hia pelejiar com aquelles Alcaydes vindos aly mais a fim de o espantarem, que de acometterem, *para* que sabendo elles esta sua determinação se deyxassẽ estar **suspensos** ignorando a gente que podia ter (E, fols. 7r-v)”.

⁴⁵ Veja-se, por exemplo, a seguinte variante: “o qual caso porque foi mui notorio e deulgado diuerzamente variando as mais das pessoas, no contar delle como acontece, que raramente **soe informar** na rellação dos acontecimentos alheos (M, fol. 271r)”;

“o qual caso porque foi mui notorio, e divulgado diuersamente variando as mais das pessoas, no contar delle como acontece, que raramente **soe informar** na rellação dos acontecimentos alheos (L₁, fol. 182v)”;

“o qual cazo; porque foy muy notorio, e divulgado diversamente variando as mais das pessoas no contar delle como aconteceu, que raramente **se conformaõ** na relação dos acontecimentos alheos (E, fol. 34r)”.

⁴⁶ Os testemunhos da *Crónica* contêm diversas lacunas evidentes (espaços deixados em branco pelos respetivos copistas, onde faltam palavras): algumas são comuns a mais do que um testemunho, outras encontram-se sanadas em alguns ramos da tradição. Proponho que tal possa ter acontecido com recurso a outras fontes ou testemunhos: veja-se o caso abaixo. Na citação, as lacunas são indicadas tal como se encontram nos manuscritos – com um espaço em branco e reticências:

“com maes dous galleoẽs dos capitaẽs Dom Francisco de souza, e luis Aluares da cunha, **e a zaura de** ... (M, fol. 279r)”

“com maes dous galleoẽs dos Capitaẽs Dom Francisco de souza, E Luis Alures da Cunha, **e a Zaura de** ... (L₁, fol. 189v).”

“com mais dous Galeoens dos capitaens D. Francisco de Sousa, e luis Alvarez da Cunha, **e A zaura de Pedro da Sylva** (E, fol. 40v).”

por A₂; por A₁ e A₃; e por A₄ e L₂⁴⁷. Embora não seja possível concluí-lo com certeza, existem elementos a partir dos quais se poderia defender que A₃ não serviu de modelo para a cópia de A₁⁴⁸. Por outro lado, parece-me indiscutível que A₄ e L₂ pertençam a dois ramos secundários diferentes, tendo sido copiados a partir de um antígrafo comum: ambos contêm erros conjuntivos⁴⁹, A₄ contém erros privativos e separativos de L₂⁵⁰ e L₂ contém erros privativos e separativos de A₄⁵¹. O arquétipo

⁴⁷ Veja-se, por exemplo, a seguinte variante: “Alexandre Moreira, o Gama, **Diogo** Lopes, João Goncalvez de Azevedo, e o Sargento mor dos castelhanos (A₁, fol. 13r);

“o Capitão Alexandre moreira, o Gama, **Pedro** Lopez, João Gonçalvez de Azevedo, E o sargento mor dos Castelhanos (A₂, fol. 114r); “Alexandre moreira o Gama, **Diogo** lopez, João Goncalvez de azeuedo: e o sargento major dos Castelhanos (A₃, fol. 43v);

“Alexandre Moreira o Gama **Pedro** Lopes, João Gonçalvez de Azevedo, e o Sargento mayor dos Castelhanos (A₄, fol. 66r);

“Alexandre Moreyra o gama, **Pedro** Lopes, João gonsalves de Azeuedo, e o sargento mayor dos castelhanos (L₂, fol. 51r)”.

⁴⁸ Embora a maioria dos erros de A₃ sejam passíveis de terem sido corrigidos por conjetura, existe uma variante ambígua: “mostrou na chegada gazalhado, **mas tanto** que os ouuiu a primeira ves, logo ficou para os não querer ouvir maes” (A₁, fol. 23v);

“E lhe mostrou na chegada gazalhado: **mas tanto** que os ouuiu a primeira vez, logo ficou para os não ver mais” (A₂, fol. 111r);

“mostrou na chegada gazalhado, **mostrando** que os ouuiu a primeira ues, logo ficou pera não os querer mais ouuir (A₃, fol. 60r);

“lhes mostrou na chegada gasalhado, **mas tanto** que os vio a primeyra vez, logo ficou para os não querer mais ouvir (A₄, fol. 89v);

“e lhes mostrou na chegada gasalhado, **mas tanto** que os ouuiu a primeira ues logo ficou para os não querer mais ouuir (L₂, fol. 68v)”.

⁴⁹ Veja-se, por exemplo, a seguinte variante:

“sem o homem nunca perder a **cellada**” (A₁, fol. 28r)

“sem o homem perder a **sella**” (A₂, fol. 119v)

“sem o homem nunca perder a **sela**” (A₃, fol. 67r)

“sem o homem nunca perder a **tela**” (A₄, fol. 99v)

“sem o homem nunca perder a **tella**” (L₂, fol. 75v).

⁵⁰ Veja-se, por exemplo, a seguinte variante: “deuia Sua Alteza caminhar com a gente toda **formada, que não seria muyto dar o negocio negocio de si poder se chegar a Alcaccer, que a elle lhe não parecia** máo conselho” (A₁, fol. 21v);

“deuia Sua Alteza caminhar com a gente toda **reformada, que não seria muito dar o negocio de si, poder se chegar a Alcacere, que lhe a elle, não parecia** mao conselho,” (A₂, fol. 107v);

“deuia Sua Alteza caminhar com a gente toda **reformada, que não seria muito dar o negocio de ssy poder sse chegar a Alcaçere, que lhe a elle não paressia** mao conçelho” (A₃, fol. 57r)

“deuia Sua Alteza caminhar com a gente toda **reformada, que lhe a elle não pareceria** maô concelho” (A₄, fol. 85v);

“deuia sua Altesa caminhar com a gente toda **reformada que não seria muito dar o negosio de si poder se chegar a Alcaçere que lhe a elle não pareseria** mao comselho” (L₂, fol. 65v).

⁵¹ Veja-se, por exemplo, a seguinte variante: “estando ja taõ perto do fim, **que não viveo meya hora andou visitando os esquadroẽs e na arremetida** da nossa caualeria” (A₁, fol. 30r);

“estando taõ perto do fim, **que não viveo depois disto mea hora, andou visitando os esquadroẽs, e na primeira investida** da nossa Cavalaria” (A₂, fol. 122v);

“estando ya taõ perto do fim, **que não viveo mea hora, andou visitando os Esquadrois, em a primeira aRemetida** da nossa Caualaria” (A₃, fol. 69v);

“estando ja tam perto do fim, **que não viveu meya hora, andou visitando os esquadroens em a primeyra remetida** da nossa cavallaria” (A₄, fol. 102v).

da tradição das *Memórias* apresentava vários erros, que diversos testemunhos tentaram sanar independentemente e com graus diferentes de êxito⁵². Aliás, constatou-se que a intenção de melhorar os respetivos modelos é compartilhada por três dos testemunhos deste grupo⁵³. No caso do testemunho A₄, existem variantes que o aproximam de A₂, assim revelando ter havido também contaminação textual⁵⁴.

Por fim, a análise das variantes linguísticas de M, L₁ e E confirmou a pertinência de considerar a *Crónica* como fonte para estudos linguísticos diacrónicos. A variação sistemática observada nos seus testemunhos abrange tanto fenómenos já amplamente estudados na bibliografia crítica⁵⁵, quanto aspetos ainda

⁵² Veja-se, por exemplo, a seguinte variante: “mas foi alojar no fim do arrayal fora de todas as outras tendas **para o Certaõ maes perigoso**, e oferecida aos cometimentos dos inimigos” (A₁, fol. 32r)

“e foi se alojar a outro fora das tendas todas no cabo do arrayal **para a parte do sertoã, mui exposto a qualquer perigo**, que ouvesse” (A₂, fol. 106r)

“mas foj alojar no fim do Arrajal, fora de todas as outras tendas, **pera o sertoã mais perigoza**, e offeressida aos acometimentos dos inimigos” (A₃, fol. 72r)

“mas foy alojar no fim do arrayal fora de todas as outras tendas **para o certam mais perigosa** e offerecida aos acometimentos dos inimigos” (A₄, fol. 106r)

“mas foy alojar no fim do Arrayal fora de todas as outras tendas **para o sertoã mais perigoso** e oferesida aos acometimentos dos inimigos” (L₂, fol. 80v).

⁵³ Veja-se, por exemplo, a seguinte variante: “dizendo que o fazia por dar lugar a que a carriagem tomasse alento que vinha muy cançada, **outros diziaõ que era a Cauza outra**” (A₁, fol. 24v)

“dizendo, que o fazia, por dar lugar a que a carruagem tomasse alento, que vinha muito cansada, **inda que outros diziaõ, que era a cauza outra**” (A₂, fol. 113r)

“dizendo que o fazia por dar lugar a que a carriagem tomasse alento que vinha muy cançada, **inda que o fazia por dar, outros deziaõ que hera a cauza outra**” (A₃, fol. 61v)

“dizendo que o fazia por dar lugar a que a carruagem tomasse alento que vinha muy cansada, **inda que outros deziaõ que era a cauza outra**” (A₄, fol. 91v).

⁵⁴ Veja-se, por exemplo, a seguinte variante: “pellos segurar de alguñs ladroẽs, **e naõ deixasse desembarcar: O Capitam mor** achando sse sobre a noute *muyto* abracado com a terra, fes hum bordo ao mar” (A₁, fol. 19v)

“pollos segurar de algũs ladroẽs, **E naõ deixasse desembarcar pessoa nenhũa en terra atẽ lhe mandar avizo para desembarcaçaõ**. O Capitaõ mor achando sse sobre a noite mui abraçado com a terra, fez hum bordo ao mar” (A₂, fol. 104v)

“pellos segurar de alguns ladroẽs, **e naõ deixasse desembarcar o Capitam mor** açhando sse sobre a noite muy abracado com terra, fez hum bordo ao mar” (A₃, fol. 54v)

“pellos segurar de alguñs ladrois, **e naõ deixasse desembarcar em terra pessoa nenhuã athe lhe mandar ordem donde havia de desembarcar. O Capitaõ mor** achando se sobre a noyte mui abraçado com terra, fes hũ bordo ao mar” (A₄, fol. 82r)

“pellos segurar de Alguñs Ladroẽs **e naõ deychase desembarcar, o Capitaõ mor** achando se sobre a noyte muy abrasado com terra fes hum bordo ao mar” (L₂, fol. 63r).

⁵⁵ Nomeadamente, a ausência de formas específicas para o feminino de adjetivos em -ol e -ês (p. ex.: Elche da **nação Francez** – E, fol. 10v); o uso de possessivo não precedido por determinante (p. ex.: Zeloso **de seu serviço** – L₁, fol. 204r); o uso de *nenhum* com traços humanos (p. ex.: em sinal que naõ pode **nenhũ** mover o pê atraz – E, fol. 4v); o uso de *algum* em contextos negativos e modais (p. ex.: cuja altura impedia naõ ser visto **algum** delles – E, fol. 4r); o uso do minimizador *al* (p. ex.: nem vos possam enganar as branduras, e beninidades fingidas do Rey dos Christaõs, que nam sam **al** senam meyo, pera vos poder tiranizar – L₁, fol. 214); a concordância do particípio passado dos verbos *ter* e *haver* com o objeto direto (p. ex.: naõ deyxava de **ter apercebidas** suas couzas – E, fol. 59v); o uso do

inexplorados⁵⁶, sugerindo novos caminhos para a investigação diacrónica neste período da história da língua portuguesa. Do ponto de vista da análise da transmissão, as variantes indicam que os manuscritos mais antigos preservam, efetivamente, um estado de língua mais antigo, enquanto o testemunho mais recente apresenta inovações em quase todos os aspetos observados.

A análise linguística, por fim, ao mostrar uma forte presença de castelhanismos nos testemunhos M e L₁, permitiu também reforçar algumas propostas apresentadas com base na análise codicológica – designadamente, que estes testemunhos foram produzidos num ambiente de proximidade com a língua castelhana⁵⁷.

3. Perspetivas

Ao estudar e editar a CXMM, procurei facilitar o acesso tanto às informações sobre os eventos históricos por ela narrados, como às suas interpretações e representações. Ambicionei, assim, abrir caminho para a análise das estratégias narrativas empregadas e das práticas de utilização de fontes – e, portanto, numa instância superior, para reflexões sobre a evolução dos textos historiográficos nos séculos XVI, XVII e início do XVIII; visei abrir, também, caminho para a análise dos mecanismos de receção e transmissão manuscrita dos textos historiográficos na Idade Moderna e disponibilizar um conjunto de dados indispensáveis para o aperfeiçoamento do trabalho editorial; e, por último, mas não menos importante, oferecer um conjunto de fontes para estudos linguísticos do português dos séculos

pretérito mais-que-perfeito em contextos modais (p. ex.: e tal o fazia elle tambem ao Xarife, com que tinha todolos comprimentos, tam cortezes, como **lhos podera** fazer na sua mor prosperidade – L₁, fol. 192v); o uso do infinitivo simples como complemento de verbos perçetivos (p. ex.: eu vi **queixar** disso gravemente ao seu mestre de Campo– L₁, fol. 209r) e o uso do objeto direto preposicionado (p. ex.: dizendo alto para os que **seguiaõ a El Rey** – E, fol. 85v).

⁵⁶ Por exemplo, algumas variantes lexicais; o uso dos pronomes demonstrativos *esse(s)*, *essa(s)*, *isso* em contraposição a *este(s)*, *esta(s)*, *isto* (p. ex.: e querendo lhe **nisso** fazer demasiado favor – L₁, fl. 184r) e o uso do pretérito mais-que-perfeito em variação com o futuro do conjuntivo na prótase de uma construção condicional (p. ex.: sem saberem dezejar, senaõ de se verem livres, couza que já lhe não será possível se os vós mesmos naõ **quisereis** largar – E, fl. 63v).

⁵⁷ Ambiente que tanto pode ser “externo” (no sentido de as cópias terem sido efetuadas em meio hispanófono), “interno” (no sentido de o castelhano ser a língua nativa do copista) ou ambos.

XVI-XVIII. Almejo que os resultados – as edições e o estudo – sirvam de modelo para o trabalho com outros textos sebásticos⁵⁸.

A colação dos testemunhos da CXMM revelou o caráter continuamente mutável do texto historiográfico – e, mais especificamente, cronístico – nos séculos XVI-XVIII. Semelhantes características foram amplamente estudadas no que diz respeito à literatura medieval, para a qual foram cunhados os conceitos de *variance*⁵⁹ e de *tradicionalidade*⁶⁰, entre outros. Em especial, a aplicação do conceito de *abertura* como modelo analítico para o texto cronístico foi proposto por Diego Catalán⁶¹, que afirma que a variação no texto e na estrutura da crónica medieval não é um acidente, mas sim uma característica fundamental do seu processo de transmissão. Nas palavras do autor,

“[e]l estudio de las variantes cronísticas, como el estudio de las variantes romancísticas, o el de otros géneros «abiertos» nos evidencia que la variación del texto y de la estructura de una crónica no es (salvo casos excepcionales) un accidente en el proceso de transmisión, sino algo consustancial al modo de reproducirse el modelo, dependiente de la capacidad del transmisor de comprender y utilizar el «lenguaje» de la estructura que reproduce y de su conocimiento del programa virtual que la crónica que copia pretende realizar”⁶².

Nesta formulação, a *abertura* seria um conceito inerente à cultura manuscrita, que viria progressivamente a perder-se após a invenção da imprensa. Embora não me proponha aplicar a noção de *abertura*, tal como formulada para o texto medieval, diretamente ao texto cronístico moderno, as análises aqui apresentadas sugerem que a instabilidade e a constante alteração às quais os textos literários eram sujeitos na Idade Média persistem, de alguma maneira, mesmo após a invenção e consolidação da imprensa. Prova-se, assim, que é crucial investigar a produção

⁵⁸ Para detalhes adicionais sobre este projeto, cf. LOMBARDO, Elena; MOREIRA, Filipe Alves – “Edição de crónicas e relatos sobre D. Sebastião: balanço e perspectivas”. *Acta Iassyensia Comparationis. Special issue Magellan & Elcano 500. Circumnavigation to globalization* (2019), pp. 47-60. DOI: 10.47743/aic-2019-3-0006.

⁵⁹ CERQUIGLINI, Bernard – *Éloge de la variante : histoire critique de la philologie*. Paris: Éd. du Seuil, 1989.

⁶⁰ MENÉNDEZ PIDAL, Ramón – “Tradicionalidad de las Crónicas Generales de España”. *Boletín de la Real Academia de la Historia* 136 (1955), pp. 131-197.

⁶¹ CATALÁN, Diego – “Los modos de producción y reproducción del texto literario y la noción de apertura”. [1978]. In *Arte poética del romancero oral. Parte 1ª. Los textos abiertos de creación colectiva*. Vol. 1. Madrid: Siglo XXI, 1997-1998, pp. 159-186.

⁶² CATALÁN, Diego – “Los modos de producción y reproducción del texto literario y la noción de apertura”, p. 182.

literária manuscrita desta época para entender como se manifestam tais alterações no período moderno e o que muda no método historiográfico e na própria concepção de cópia. Desta forma, a análise da variação observada na *Crónica* ao longo da sua transmissão manuscrita abre novos caminhos para a investigação da escrita historiográfica na Idade Moderna: fica o convite para que outras tradições textuais deste período possam ser analisadas sob a hipótese da permanência dos mecanismos de compilação e refundição.

Referências bibliográficas

Fontes

Fontes manuscritas

Arquivo Nacional da Torre do Tombo, *Casa Palmela*, Liv. 210

Biblioteca da Ajuda, códice 49-XI-75

Biblioteca da Ajuda, códice 49-XI-77

Biblioteca da Ajuda, códice 49-XII-1

Biblioteca da Ajuda, manuscrito avulso 51-X-10, num. 156

Biblioteca Nacional de Espanha, MSS. 2422

Biblioteca Nacional de Portugal, COD. 13282

Biblioteca Nacional de Portugal, A. T./L. 57

Fontes impressas

BAIÃO, José Pereira – *Portugal cuidadoso, e lastimado com a vida, e perda do senhor rey Dom Sebastião, o Desejado de saudosa memoria. ...* Lisboa Occidental: Na officina de Antonio de Sousa da Sylva, 1737.

BARBOSA MACHADO, Diogo – *Bibliotheca Lusitana ...* Tomo I. Lisboa Occidental: Na Officina de Antonio Isidoro da Fonseca, 1741.

CARDOSO, Jorge – *Agiologio lusitano*. Tomo III. Lisboa: Na Officina de Antonio Craesbeeck de Mello, 1666.

Crónica do Xarife Mulei Mahamet e del-Rey D. Sebastião 1573-1578. Ed. Francisco Sales Loureiro. Lisboa: Europress, 1987.

FARIA E SOUSA, Manuel de – *Asia Portuguesa*. Tomo I. Lisboa: En la Officina de Henrique Valente de Oliveira, 1666.

SEVERIM DE FARIA, Manoel – “Elogio do Doutor Frey Bernardo de Brito”. In *Noticias de Portugal*. Lisboa: Na Officina Craesbeeckiana, 1655.

Estudos

CASTRO, Ivo; RAMOS, Maria Ana – “Estratégia e tática da transcrição”. In *Critique textuelle portugaise (Paris, 1981). Actes du colloque*. Paris: Fondation Calouste Gulbenkian, 1986, pp. 99-122.

CATALÁN, Diego – “Los modos de producción y reproducción del texto literario y la noción de apertura”. [1978]. In *Arte poética del romancero oral. Parte 1ª. Los textos abiertos de creación colectiva*. Vol. 1. Madrid: Siglo XXI, 1997-1998, pp. 159-186.

CERQUIGLINI, Bernard – *Éloge de la variante : histoire critique de la philologie*. Paris: Éd. Du Seuil, 1989.

CRUZ, Maria Augusta Lima – *D. Sebastião*. Lisboa: Círculo de Leitores, 2006.

LOMBARDO, Elena – *Do “grande incêndio que com tam raro movimento a Berberia perturbou”: estudo e edição diplomática de um relato histórico quinhentista*. São Paulo: Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, 2015. Dissertação de Mestrado em Filologia e Língua Portuguesa.

LOMBARDO, Elena – *A “Crónica do Xarife Mulei Mahamet e d’el-Rey D. Sebastião”: edição e estudo*. Lisboa: Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, 2025. Tese de Doutoramento em Crítica Textual.

LOMBARDO, Elena; MOREIRA, Filipe Alves – “Edição de crónicas e relatos sobre D. Sebastião: balanço e perspetivas”. *Acta Iassyensia Comparationis: Special issue Magellan & Elcano 500. Circumnavigation to globalization* (2019), pp. 47-60. Disponível em https://literaturacomparata.ro/Site_Acta/issues/aic-special19/06_Lombardo%20Moreira_Layout%201.pdf.

LOMBARDO, Elena; MOREIRA, Filipe Alves – “Para o estudo da crónica de D. Sebastião atribuída a Bernardo da Cruz: textos, autores e testemunhos”. *Diacrítica* 38:1 (2024), pp. 29-44. Disponível em <https://revistas.uminho.pt/index.php/diacritica/article/view/5603>.

MENÉNDEZ PIDAL, Ramón – “Tradicionalidad de las Crónicas Generales de España”. *Boletín de la Real Academia de la Historia* 136 (1955), pp. 131-197.

MOREIRA, Filipe Alves – *A “Crónica de Portugal de 1419”: fontes, estratégias e posteridade*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, Fundação para a Ciência e a Tecnologia, 2013.

SOUSA, Luís Costa e – “O caminho de Alcácer Quibir: Plano, marcha e batalha, ou a dinâmica da forma militar”. *e-Stratégica* 2 (2018), pp. 49-61.

COMO CITAR ESTE ARTIGO | HOW TO QUOTE THIS ARTICLE:

LOMBARDO, Elena – “Para o estudo da escrita historiográfica da Idade Moderna – o caso da transmissão da *Crónica do Xarife Mulei Mahamet e d’el-Rey D. Sebastião*”. *Medievalista* 38 (Julho – Dezembro 2025), pp. 415-436. Disponível em <https://revistas.fcsh.unl.pt/medievalista>.



Esta revista tem uma Licença [Creative Commons - Atribuição-NãoComercial 4.0 Internacional](https://creativecommons.org/licenses/by-nc/4.0/).